



REVISTA
Casa da

ISSN 2316-8056

GEOGRAFIA
de Sobral

PATRIMÔNIO, CULTURA POPULAR E IDENTIDADE: A EXPERIÊNCIA DE VISITANTES ADULTOS NO MUSEU DO SERTÃO DE PETROLINA

Heritage, popular culture and identity: the experience of adult visitors at the Museu do Sertão in Petrolina

Patrimonio, cultura popular e identidad: la experiencia de los visitantes adultos en el Museo do Sertão de Petrolina

 <https://doi.org/10.35701/rcgs.v27.1036>

Juliane Barros da Silva¹

Luisa Massarani²

Waneicy Gonçalves³

Juliana Magalhães de Araujo⁴

Histórico do Artigo:

Recebido em 19 de julho de 2024

Aceito em 10 de julho de 2025

Publicado em 09 de outubro de 2025

RESUMO

Os museus regionais desempenham o papel de intérpretes de uma região, ao preservar e divulgar as culturas e realidades de um local por meio do seu acervo. Neste estudo, investigamos as conversas e interações de cinco grupos de visitantes adultos no contexto de um museu regional, o Museu do Sertão, localizado na cidade de Petrolina (Pernambuco - Brasil). As informações foram coletadas por meio de questionário, a fim de traçar o perfil sociocultural dos participantes, e registro audiovisual da visita com câmeras subjetivas utilizadas pelos visitantes. Os resultados evidenciaram que os participantes estabeleceram conexão com o acervo, o que foi verificado através do reconhecimento de elementos da cultura sertaneja, da mobilização de afetividades e da identificação em nível pessoal. As ações de mediação tiveram grande importância, pois promoveram o diálogo sobre temas científicos em articulação com o contexto local, as culturas e as diversas possibilidades de identidades dos

¹ Doutoranda em Educação na Universidade de São Paulo (FE-USP). E-mail: Juliane.barros@usp.br

 <https://orcid.org/0000-0002-9267-9676>

² Pesquisadora do Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT/COC/Fiocruz). E-mail: luisa.massarani@fiocruz.br

 <https://orcid.org/0000-0002-5710-7242>

³ Pesquisadora do Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT/COC/Fiocruz). E-mail: waneicy88@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-1576-2510>

⁴ Pesquisadora do Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT/COC/Fiocruz). E-mail: dearaujojm@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-6051-7381>

visitantes. O estudo possibilitou reflexões sobre elementos da cultura popular, patrimônio e identidades em contextos regionais.

Palavras-Chave: Divulgação científica, Experiência do visitante. Patrimônio Cultural. Cultura popular. Museu do Sertão de Petrolina.

ABSTRACT

Regional museums play a role of interpreters of a region by preserving and disseminating the culture and realities of a place through their collections. In this study, we investigated the conversations and interactions of five groups of adult visitors in the context of a regional museum, the Museu do Sertão, located in the city of Petrolina (Pernambuco - Brazil). The information was collected through a questionnaire to outline the sociocultural profile of the participants and audiovisual record of the visit with subjective cameras used by the visitors. The results showed that the participants established a connection with the collection, which was verified through the recognition of elements of the “sertanejo” culture, the mobilization of affections and identification on a personal level. Mediation actions were of great importance, as they promoted dialogue on scientific topics in conjunction with the local context, cultures and the diverse possibilities of visitors' identities. The study enabled reflections on elements of popular culture, heritage and identities in regional contexts.

Keywords: Science communication. Visitor experience. Cultural heritage. Popular culture. Museu do Sertão de Petrolina - Brazil.

RESUMEM

Los museos regionales desempeñan el papel de intérpretes de una región, preservando y difundiendo las culturas y las realidades de un lugar a través de su colección. En este estudio, investigamos las conversaciones e interacciones de cinco grupos de visitantes adultos en el contexto de un museo regional, el Museu do Sertão, ubicado en la ciudad de Petrolina (Pernambuco - Brasil). Las informaciones fueron recopiladas a través de un cuestionario, con el fin de perfilar el perfil sociocultural de los participantes, y grabación audiovisual de la visita con cámaras subjetivas utilizadas por los visitantes. Los resultados resaltaron que los participantes establecieron una conexión con la colección, lo que se verificó a través del reconocimiento de elementos de la cultura “sertaneja”, la movilización de afectos y la identificación a nivel personal. Las acciones de mediación fueron de gran importancia, ya que promovieron el diálogo sobre temas científicos en conjunto con el contexto local, las culturas y las diferentes posibilidades de identidad de los visitantes. El estudio permitió reflexionar sobre elementos de la cultura, el patrimonio y las identidades populares en contextos regionales.

Palabras clave: Divulgación científica, Experiencia del visitante. Patrimonio cultural. Cultura popular. Museu do Sertão de Petrolina - Brasil.

INTRODUÇÃO

Os museus regionais são entendidos por Costa (2002) como instâncias que têm o papel de intérpretes de uma região, ao preservar e divulgar as culturas e realidades de um local por meio do seu acervo. Para a autora, a importância desses espaços se dá pela identificação dos locais com os remanescentes de uma cultura popular, que lhes é familiar, dos quais “desde o berço ouviram contar”, auxiliando na compreensão do processo de sua própria história (Costa, 2002, p. 29).

A política de interiorização dos museus pelo território brasileiro foi iniciada e expandida dos anos de 1930 a 1950 por meio do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual IPHAN. Britto (2022, p. 2) explica que essas ações de interiorização foram realizadas a partir de um discurso baseado no “papel ‘civilizador’ dos museus regionais, orientados pelos chamados ciclos econômicos”.

O autor observa a ambiguidade de um projeto nacionalista, que buscou estabelecer uma memória nacional e que, ao mesmo tempo, marcou critérios de divisão, ao evidenciar as singularidades regionais. Chagas (2017) esclarece que essas iniciativas de descentralização das ações de preservação do patrimônio apenas se comprometeram com a exibição de um passado acumulado, sem permissão para historicização.

Apesar dos processos de interiorização, conceitos como cultura popular e patrimônio ficaram distanciados por muito tempo. Tylor (1871, p. 1) define cultura como “todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”. Segundo Oliveira (2012), o desenvolvimento das expressões das culturas populares rurais ou urbanas só começaram a ser entendidas como patrimônios a serem preservados a partir das iniciativas de Mário de Andrade e do Movimento Folclórico Brasileiro. No entanto, o autor explica que as intenções do Movimento em muitos momentos, principalmente durante a Ditadura Civil-Militar, assumiram um caráter conservador, em um contexto onde a cultura popular estava diretamente relacionada a uma função política.

Somente a partir de 1975, com o início da redemocratização, o país ganha seu primeiro Plano Nacional de Cultura. Em 1982, sob a influência da Mesa Redonda de Santiago do Chile ocorrida em 1972, o Ministério da Educação e Cultura passa a incorporar o conceito de cultura popular em seu plano trienal para a educação e cultura (Oliveira, 2012).

Em 1979, inicia-se a fase ‘moderna’ do SPHAN, com discussões acerca da diversidade cultural como característica da identidade nacional, “procurando integrar o patrimônio edificado, ou de “pedra e cal”, com a pluralidade das manifestações culturais, sobretudo da cultura popular” (Oliveira, 2012, p. 152).

A partir da década de 1980, há um rompimento com as ideias conceituais dos estudos do folclore, o que coloca o termo “folclore” praticamente em desuso no âmbito museal, sendo melhor representado pelos termos cultura popular, cultura material e arte popular, dentre outros (Oliveira, 2012). Ortiz (2001) entende a cultura popular como o caráter tradicional da cultura, que se identifica com as manifestações culturais das classes populares.

Os marcos mais recentes para o campo patrimonial, com relação às culturas populares, se deram com o Decreto n.º 3.551, de 4 de agosto de 2000, que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, que passam a constituir patrimônio cultural brasileiro. As seleções desses bens devem ter como referência “a continuidade histórica do bem e sua relevância nacional para a memória,

a identidade e a formação da sociedade brasileira” (Brasil, 2000, p. 1). Também foi criado o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial.

Gonçalves (2007) observa que cada vez mais as fronteiras entre o acervo tradicional dos museus, compostos por elementos da chamada “cultura erudita”, têm sido progressivamente enfraquecidas, abrindo espaço para a coexistência com elementos da cultura popular e da cultura de massa.

CULTURA POPULAR DO SERTÃO NORDESTINO E A EXPRESSÃO DE IDENTIDADES

No processo histórico, a paisagem imaginária da região Nordeste se desenvolveu como uma alternativa à divisão Norte e Sul, surgindo do cruzamento de práticas regionalizantes. Diante de um projeto de expansão nacionalista, grupos inicialmente dispersos geograficamente no território se viram obrigados a se aproximar em defesa do seu espaço, o que progressivamente sedimenta a ideia de uma regionalidade pautada em interesses políticos, econômicos, históricos e culturais comuns (Albuquerque Júnior, 2011).

No entanto, o discurso regionalista e sua cristalização foram construídos a partir de uma visão evolucionista da história, que não considerou as múltiplas realidades de vida que se desenvolviam em um território amplo. A partir de uma mudança artificializada de perspectiva na relação entre olhar e lugar, o discurso regionalista se constitui como uma unidade de caráter simbólico e que possuía significado para o coletivo, pautada em uma identidade racial, econômica, social e cultural (Albuquerque Júnior, 2011; Araújo Sá (2021).

Albuquerque Júnior (2011) explica que a imagem do regionalismo nordestino difundido para todo o Brasil, exibido nas mídias digitais, TV, obras literárias e estampada em muitas narrativas museais, apresenta estereótipos que expressam uma pseudo-identidade. As narrativas imagético-discursivas sobre o Nordeste e sobre o Sertão se baseiam principalmente no saudosismo e na tradição, com a legitimação de grupos hegemônicos (Lopes, 2020).

Na primeira metade do século XX, a imagem divulgada era de um Nordeste caracterizado como uma região da seca, do cangaço, do messianismo e das lutas políticas entre famílias sertanejas (Araújo Sá, 2021). Para Albuquerque Júnior (2011, p. 53), a imagem do Nordeste nesse contexto é caracterizada como “espaço da saudade dos tempos de glória, saudades do tempo do engenho, da sinhá, do sinhô, da Nega Fulô, do sertão e do sertanejo puro e natural, força telúrica da região” (Albuquerque Júnior, 2011, p. 53).

Nas últimas décadas, por causa das mobilizações para valorização de culturas antes invisibilizadas, houve uma revisão das narrativas sobre o Nordeste, o que não significou uma quebra total dos paradigmas hegemônicos, visto que continuam alicerçadas em releituras românticas da realidade.

Pontes (2012) explica que, no campo museológico, se antes havia um interesse simplista de apenas narrar os modos de vida do homem do Nordeste, por meio de objetos emblemáticos, atualmente há um interesse em abordar os processos históricos da “civilização”, desde os processos de colonização, porém, em direção a uma mestiçagem estereotipada. Nesse sentido, Albuquerque Júnior (2011, p. 30) explica o discurso estereotipado que envolve o conceito de “Nordeste”,

é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e autossuficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras. O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo.

O imaginário cultural em torno do Nordeste se disseminou de maneira tão eficaz pelo território nacional que, segundo Pontes (2012, p. 67),

Pensar o Nordeste atual livre da ideia de espaço agrário, hierarquizado, com enorme presença do religioso e com seus artefatos artesanais parece-nos tarefa longa e árdua, pois há, ainda nos tempos atuais, uma negação do urbano prevalecendo no senso comum a raiz mitológica de imagens estáticas que pautam sua efetividade baseadas no típico.

Para Albuquerque Júnior (2011), a identidade nacional ou regional é uma construção mental sintética e abstrata que procura dar conta de uma generalização intelectual, de uma enorme variedade de experiências efetivas, que envolve uma repetição regular de representações tidos como definidores do caráter da região e de seu povo.

Para Bandyopadhyay et al. (2022), as identidades são produtos de processos de construção social, que resultam de processos comunicacionais entre o sujeito, seu contexto local e global e a sociedade. Nath e Sha (2018) explicam que a identidade pessoal, ou autoidentidade, está relacionada à construção primária de uma personalidade individual. Por outro lado, a identidade social está relacionada a fatores do meio social, dentre elas noções políticas, étnicas e econômicas.

Para os autores, o conjunto composto por identidade pessoal e social determina as disposições e pré-disposições dos sujeitos, desencadeando uma constante busca por experiências que confirmem aspectos identitários dos sujeitos. Nesse sentido, Falk (2011) explica que o nível de satisfação

com uma determinada experiência está diretamente ligado às motivações dos sujeitos, suas necessidades e seus interesses, que, por sua vez, está fortemente ligado com aspectos das identidades dos sujeitos.

Poucos estudos investigam os aspectos da cultura e da identidade sertaneja e nordestina presentes em museus regionais e menos ainda se investiga a percepção e identidades dos visitantes em diálogo com elementos culturais nesses espaços. Entre os estudos existentes, podemos citar o estudo de Silva et al. (2019), que realizaram uma investigação no Centro Cultural Cais do Sertão, localizado no Recife Antigo, observando os elementos e recursos expográficos utilizados na elaboração e/ou consolidação da “identidade nordestina” e a sua capacidade de afetar os visitantes. Os autores observaram que, apesar da tentativa de romper com os estereótipos, o espaço ainda dá destaque a símbolos já consolidados, associados à cultura “nordestina”, ressaltando aspectos de vida sofrida, aspereza, a violência, a associação quase que intrínseca com a seca, a conexão com a família e a mistura de fé com misticismo.

Maia (2017) realizou uma investigação no mesmo museu, observando a construção identitária e a receptividade do público, por meio de entrevistas com um total de 15 participantes, dentre jovens e idosos, antes e após a visita. Em comum com o estudo anteriormente citado, os resultados demonstraram que, para os visitantes que não conhecem o sertão, a imagem remetida é o clássico estereótipo já apontado, da seca, miséria, das adversidades e do sofrimento. No entanto, a pesquisa observou que a visita ao museu contribuiu para a percepção de que o sertão também é espaço da arte, música, dança, alegria, amor e festa. Além disso, para os entrevistados de origem nordestina, a visita contribuiu para uma sensação de alegria por sentir-se protagonista da história narrada e o orgulho de pertencimento à história da região.

Maranhão e Maranhão (2021) investigaram as percepções dos visitantes do Museu Gonzagão, situado no Parque Asa Branca, na cidade de Exu, em Pernambuco, a partir dos comentários publicados na internet por seus visitantes. Foram analisadas 43 avaliações que destacaram as contribuições artísticas da personalidade que dá nome ao museu, divulgação da cultura nordestina, do homem sertanejo, seus hábitos, costumes, expressão das raízes plurais dos povos e suas tradições. Os enunciados demonstraram a contribuição do museu para caracterizar a identidade nordestina e a identidade cultural do povo sertanejo, seus bens simbólicos e suas práticas culturais.

Uma perspectiva diferente pode ser observada na pesquisa de Brayner (2010), que analisou a exposição do Museu do Homem do Nordeste, localizado na cidade do Recife, em Pernambuco. Após

um processo de revitalização e revisitação da proposta conceitual, a autora observou uma reformulação da exposição de longa duração intitulada Nordeste: territórios plurais, culturais e direitos coletivos.

A autora explica que, embora o museu dê continuidade à opção pela museologia do cotidiano, não se sustenta o teor nostálgico e saudoso das narrativas tradicionais. Em seu novo discurso, a exposição destaca os cenários de lutas e diferenças sociais que permeiam o contexto, sendo evidenciadas as tensões e complexidades envolvidas (Brayner, 2010). Nesse sentido, segundo a autora, o museu rompe com a narrativa usual de propagação de hegemonias em busca de novas perspectivas.

Ainda sobre o Museu do Homem do Nordeste, Costa e Brigola (2014) analisaram a percepção de 40 estudantes do curso de graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba sobre a exposição, fazendo uso de questionário virtual. Foram identificados enunciados que demonstraram sentimento de pertencimento dos estudantes em relação à narrativa da cultura regional, embora apenas um dos participantes seja originário da região Norte do Brasil. Dessa forma, os autores acreditam que o museu em questão apresenta um acervo repleto de significado e que promove a cultura a nível pessoal e social.

Tratando especificamente do Museu do Sertão de Petrolina, em Pernambuco, locus em que este estudo foi realizado, Santana e colaboradores (2023) analisaram um passeio à exposição virtual por discentes do curso de Pedagogia de uma Instituição de Ensino Superior da rede privada, no município de Juazeiro, na Bahia. Segundo os autores, a experiência mobilizou o engajamento dos estudantes, que expressaram emoções ao vislumbrar objetos antigos, remetendo em alguns casos a lembrança da casa de suas avós e saudosismo em relação aos objetos observados, despertando aspectos da identidade pessoal dos sujeitos.

Para Tolentino (2014), os objetos em museus podem ter múltiplos significados, podendo ser utilizados para constituir diferentes discursos, somando múltiplos sentidos aos corpos patrimoniais. Assim, é importante observar os museus a partir do seu sertão⁵, a fim de compreendê-los de forma crítica, analisando as formas de representação dos sujeitos sociais em seu discurso, a construção das narrativas museológicas e também as apropriações realizadas pelo público visitante.

Desse modo, segundo Tolentino (2014), é parte do dever social dos museus nacionais e regionais desconstruir a abordagem do Sertão e do Nordeste a partir de um discurso simplista e unificador da memória. Trata-se de revisitar os acervos em busca de perspectivas múltiplas de identidade, integrando e dialogando com as múltiplas possibilidades de identidades dos visitantes.

⁵ O autor utiliza o termo sertão do museu em contraposição ao termo litoral, que significa observar a bela face do museu e seu contato com o público de forma superficial. Sertão se refere aos processos internos do museu, seus mecanismos complexos de constituição, de significados, bem como as ressignificações construídas pelo público.

Nesse sentido, a educação patrimonial desempenhada por mediadores e educadores pode ter valiosa contribuição. Para Barros e Vicente (2021), a educação patrimonial possui o papel fundamental de valorização e respeito pela diversidade, divulgação do patrimônio e colaboração no fortalecimento de identidades. No contexto contemporâneo buscam-se ações de mediação que encoraje os sujeitos a buscarem suas identidades, referências, memórias e culturas, onde, segundo Barros e Vicente (2021, p. 78):

(...) os educadores partam das referências culturais dos territórios, de princípios, simbologias e significados que façam parte das realidades desses sujeitos. Só assim, a partir de determinadas compreensões da própria realidade e da cultura - daquilo que os rodeia e faz sentido -, que os sujeitos irão entrar em um processo de compreensão e reflexão sobre outras realidades e suas alteridades.

No presente estudo buscamos analisar como a exposição e os objetos disponíveis no Museu do Sertão, localizado em Petrolina, suscitam interações e conversas entre os grupos de visitantes adultos e mobiliza aspectos da identidade social e pessoal dos visitantes. As questões que orientam essa investigação são: 1. Quais os conteúdos das conversas dos grupos de visitantes adultos em visita espontânea ao Museu do Sertão? 2. Como a exposição e os objetos contribuem para reflexões que articulam elementos da cultura popular, patrimônio e identidades em contextos regionais?

Para Massarani e colaboradores (2019), investigar aspectos das conversas que ocorrem entre visitantes em exposições em museus contribui para uma melhor compreensão da experiência nesses espaços, que podem constituir importantes elementos para decisões cotidianas em museus.

METODOLOGIA

O estudo integra uma pesquisa mais ampla, na qual é investigada a experiência de famílias e demais grupos de visitantes em museus de diferentes tipologias. Foi desenvolvido no escopo do Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

Procedimentos

A coleta de dados ocorreu nos dias 11 e 12 de novembro de 2022. Os grupos de visitantes adultos foram abordados pelas pesquisadoras no saguão de entrada do Museu do Sertão e foram

convidados a participar, sendo explicados os termos e aspectos éticos da pesquisa⁶. Em caso de aceite, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido era assinado, e uma sequência metodológica em três etapas subsequentes era aplicada ao grupo.

Na primeira etapa, os visitantes responderam a um questionário sobre o perfil sociocultural e expectativas de visita. Na segunda etapa, ocorreu o registro audiovisual do percurso da visita. Para isso, um dos visitantes adultos de cada grupo recebeu uma câmera subjetiva do tipo GoPro disponibilizada de uma das duas formas, presa a um colete ajustado ao tórax ou como suporte de cabeça, utilizando a opção que estava disponível no momento de sua participação ou optando pela qual lhe traria maior conforto. Na terceira etapa, ao finalizarem o percurso, os visitantes respondiam a uma questão sobre os elementos que mais chamaram sua atenção na visita.

Método de análise

Os dados audiovisuais advindos da coleta foram renderizados e enviados para o *software* Dedoose 9.0.86, no qual foram codificados por meio da aplicação do protocolo “Olhar do visitante” desenvolvido a partir de Allard e Boucher (1998) e adaptado por este grupo de pesquisa (Massarani et al., 2019a; Massarani et al., 2019b; Massarani et al., 2019c). Os enunciados foram agrupados segundo categorias de análise de interesse.

Concentramos nossas análises sobre a categoria conversações com as subcategorias: conversas sobre temas de ciência; conversas sobre a exposição e temática não científica; conversas em que se faz associação com experiências anteriores e vivência pessoal. Também foram analisados os tipos de interações, buscando observar as interações visitante-visitante e visitante-mediador. O quadro 1 apresenta a definição de cada uma das subcategorias a serem exploradas neste artigo.

Quadro 1: Categorias “Conversações” e “Tipos de Interação” e suas subcategorias.

1. Tipos de Interação	
Visitante-visitante	Diálogos estabelecidos entre os visitantes, independentemente do seu conteúdo, ou seja, temáticas da exposição, temas que tangenciam ou não. Pode ocorrer entre os visitantes de um grupo ou com visitantes que não pertencem ao mesmo grupo.
Visitante-mediador	Diálogos estabelecidos entre os visitantes e mediadores ou quando os visitantes escutam as orientações e informações do mediador, independentemente do conteúdo dessa conversa, podendo ser, sobre

⁶ Seguindo as orientações éticas de pesquisa, o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Fundação Oswaldo Cruz (CAAE 10663419.0.0000.5241).

	temáticas da exposição, temas que tangenciam, orientações sobre a visita e experiência museal ou não.
2. Conteúdo das Conversações	
Conversas sobre temas de ciência	Diálogos sobre algum tema científico, discutem dilemas éticos e morais da ciência, impacto social da atividade científica, trazem dados ou conteúdos científicos, questões sobre a atuação profissional ou vida pessoal e aparência de cientistas. Entram aqui todos os campos de conhecimento científicos (ciência exatas e da terra, ciências biológicas, ciência humanas e sociais, ciências da saúde e ciências agrárias).
Conversas sobre a exposição e temática não científica	Diálogos sobre temáticas abordadas pela exposição, mas que não se referem a temas de ciência.
Conversas em que se faz associação com experiências anteriores e vivência pessoal e vivência pessoal	Diálogos que estabelecem a correlação com seus próprios conhecimentos, crenças, rituais, modos de vida, fazendo referência a vivências da sua vida (por exemplo, da infância, ambiente familiar, viagens, etc.), conhecimentos da escola; referências a filmes, livros, séries, programas de TV, música, etc.

Fonte: Adaptado de Massarani et al., 2019a.

Perfil dos participantes

Participaram da pesquisa cinco grupos de visitantes adultos, sendo três deles constituídos por membros da mesma família (G1, G3 e G5) e dois deles duplas de amigos (G2 e G4). Todos os visitantes são oriundos da região Nordeste do Brasil, com dois grupos advindos do estado de Pernambuco, mais especificamente da cidade de Recife, e três grupos oriundos do estado da Bahia, das cidades de Salvador (2) e Feira de Santana (1). A idade dos visitantes variou entre 25 e 70 anos. A tabela 1 apresenta os dados dos grupos de visitantes e o tempo de duração da visita de cada grupo.

Tabela 1: Composição dos grupos e dados dos participantes.

Grupo	Cidade	Número de integrantes	Gênero e idade	Profissão	Tempo de visita h:m:ss
1	Salvador (BA)	3	V1: Masculino, 39 anos	Gestor de RH	0:38:35
			V2: Masculino, 36 anos	Analista de Marketing	
			V3: Feminino, 70 anos	Aposentada	
2	Recife (PE)	2	V1: Feminino, 25 anos	Cuidadora de idosos	0:16:14
			V2: Masculino, 20 anos	Autônomo	
3		2	V1: Masculino, 25 anos	Coordenador de vendas	

	Recife (PE)		V2: Feminino, 41 anos	Advogada	0:15:50
4	Salvador (BA)	2	V1: Masculino, 61 anos	Aposentado	0:22:18
			V2: Feminino, 37 anos	Advogada	
5	Feira de Santana (BA)	2	V1: Masculino, 56 anos	Professor de matemática	0:21:56
			V2: Masculino, 29 anos	Pedagogo	

Fonte: Autoria própria, 2024.

Os grupos 1, 2 e 4 realizaram visitas livres, desacompanhados de mediadores durante o percurso. No entanto, em alguns momentos em que havia mediador na sala acompanhando outros grupos de visitação, G2 e G4 interagiram com o mesmo, fazendo perguntas ou tecendo comentários. Os grupos de visita 3 e 5 tiveram o suporte de um mediador durante todo o percurso de visitação.

Local do estudo: O Museu do Sertão

O Museu do Sertão está localizado no município de Petrolina, no estado de Pernambuco. A cidade é considerada o principal núcleo urbano do Sertão de Pernambuco e se situa na margem norte do rio São Francisco, na divisa com o município de Juazeiro, na Bahia (IBGE, 2024).

Inaugurado em 27 de outubro de 1973 e instituído oficialmente em 21 de novembro de 1985, o Museu do Sertão é administrado pela esfera pública municipal. O museu esteve fechado para reforma durante o período de agosto de 2016 até a sua reinauguração em 11 de outubro de 2017 (Imbroisi, 2016). Desde outubro de 2018 conta com o recurso de visita virtual via plataforma Vale Tour Virtual⁷.

O Museu do Sertão se autodenomina como um museu tradicional que tem como tema a história. O Museu tem por objetivo resgatar e preservar a história do homem sertanejo em todos os seus aspectos. O espaço conta com uma área de 1.045 m², sendo dividido nas alas: Acervo Arqueológico, Fauna e Flora, Casa Sertaneja, Jardim Sertanejo, Cultura e Economia, Navegação, Petrolina Ontem, Religiosidade e Galeria dos Prefeitos. Seu acervo é constituído por mais de três mil objetos (IBRAM, 2024). O quadro 2 traz os módulos expositivos, as narrativas envolvidas e os principais objetos apresentados.

⁷ Disponível em: <https://www.valetourvirtual.com/museudosertao/>

Quadro 2: Módulos expositivos do Museu do Sertão, Petrolina – PE.

Módulo	Narrativa e objetos apresentados
Acervo Arqueológico	Apresenta os recursos naturais da região, que são resultados de processos geológicos e naturais. Há vitrines com exemplares de minerais, rochas e fósseis de animais do período cretáceo, onde a região passava por um período marinho. Há também um fóssil (úmero direito) de preguiça-gigante, animal da megafauna.
Fauna e Flora	Retrata a biodiversidade da fauna e da flora da caatinga, com espécies endêmicas. Há vitrines com animais empalhados de variadas espécies, como onça-parda, cachorro-do-mato, tamanduá-mirim, saruê, jiboia, cascavel, falsa-coral, abelhas, dentre outros. Há um exemplar de bezerro xifópago (com malformação, apresentando uma duplicação do corpo na região do tórax e da cabeça), que representa o risco de anomalias associadas ao uso indiscriminado de agrotóxicos. Há vitrines que trazem exemplares da vegetação própria do clima árido, como a amburana, juazeiro e outras.
Casa Sertaneja	<p>Homem sertanejo: personagem ícone do Nordeste, forte, determinado e com fé inabalável. Apresenta o vaqueiro como um exemplo do homem sertanejo. A expografia traz mesas e vitrines com itens como roupas, acessórios e instrumentos de uso cotidiano dos vaqueiros. É nesta ala também que se tem um módulo em homenagem ao vaqueiro Martiniano Ribeiro de Sousa e sua esposa Virgínia Alves de Souza, personalidades conhecidas na história de Petrolina;</p> <p>Casa Sertaneja: representação das casas sertanejas do século XIX, com espaço dividido em sala, quarto e cozinha, compostas por móveis e utensílios da época como a cama com esteira de couro, pilões, o fogão à lenha, ferros de passar à brasa, oratório, vitrola, entre muitos outros.</p>
Cultura e Economia	<p>Cultura e Artesanato: A sala traz diversos itens da cultura, que incluem a crença, arte, conhecimentos, costumes, música, dentre outros. Estão expostos em vitrines e totens elementos do artesanato em madeira, em cerâmica, artefatos indígenas, dentre outros. A sala dedica um espaço para homenagem a Luiz Gonzaga e ao mágico Marcos Hione, de Petrolina. Há exemplares de carrancas produzidos por Ana das Carrancas, baluarte da cultura pernambucana, conhecida pelo trabalho artesanal em barro.</p> <p>Economia Sertaneja: São exibidos utensílios e maquinários para a economia de subsistência, utilizados na produção de farinha de mandioca, milho, feijão, rapadura, queijos, doces, fição de algodão e outros. Há também itens como os pratos (vasilhas de madeira) utilizados como medidas de peso para o comércio dos produtos.</p>
Jardim Sertanejo	Inspirado no bioma caatinga, o espaço aberto traz amostras de vegetação como mandacarus, cactos e outros.
Petrolina Ontem	<p>Comunicação: apresenta personagem e itens ligados a comunicação da região, como Joãozinho do Pharol (criador do primeiro jornal impresso) e Cid Carvalho (jornalista e poeta). Os objetos expostos em mesa e vitrines são máquinas de escrever, rádios, recortes de jornais, quadros que retratam o passado da cidade de Petrolina.</p> <p>Navegação: No século passado a navegação no Rio São Francisco representava fator de desenvolvimento. Acreditava-se que as carrancas posicionadas na proa das embarcações, com sua expressão de ferocidade, afugentavam os maus espíritos e</p>

	<p>protegiam as embarcações. Há uma grande mesa com miniatura de embarcação cercada por carrancas de diversos tamanhos.</p> <p>Religiosidade: Influência da religião católica no crescimento da cidade de Petrolina. Ganham destaque o bispo Dom Malan, responsável pela construção de prédios como a Igreja Catedral. Em mesas e vitrines estão disponíveis quadros e roupas de religiosos, manuscritos da igreja católica e uma réplica em miniatura da Igreja Catedral, dentre outros.</p>
Galeria dos Prefeitos	Mostra a sequência histórica de prefeitos que administraram Petrolina desde a sua fundação em 1895 e a relação de famílias influentes da região. Os objetos expositivos são quadros das personalidades da cidade, itens pessoais, recortes de jornais com notícias relacionadas e a mesa do gabinete dos prefeitos.

Fonte: Adaptado de Museu do Sertão (2024).

Foi delimitado um percurso para a pesquisa que se estendeu do Acervo Arqueológico até o Jardim Sertanejo. A seleção do percurso se deu por conta da grande extensão do Museu e à necessidade de observação da segurança do material de trabalho, bem como pelos próprios interesses da pesquisa em focar nas narrativas biológicas e culturais da exposição.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados oriundos da aplicação do questionário sociocultural mostraram que as atividades culturais realizadas pelos grupos de visitantes nos últimos 12 meses com maior frequência foram o passeio em shoppings com familiares e amigos (exceto G3), idas ao cinema (exceto G4), visitar feiras e exposições artesanais (exceto G1), ir ao teatro, ao circo e espetáculos de dança (exceto G4), e visitar parques, reservas naturais, jardins botânicos e zoológicos (exceto G3). Os visitantes afirmaram que o meio pelo qual se informam sobre ciência e tecnologia é principalmente a internet (exceto G1), seguido de TV (exceto G2 e G4).

Sobre o hábito de visitar exposições em museus e centros de ciência, quatro grupos possuem esse hábito (G2, G3, G4 e G5). Dentre esses, três grupos disseram realizar essa atividade mais de uma vez ao ano (G2, G4, G5) e um grupo afirmou realizar a atividade uma vez ao ano (G3). Alguns museus mencionados como já visitados pelos participantes foram museus localizados nas cidades de "Caruaru", "Pesqueira", "Recife" e "Garanhuns (G3); Exposição Frida Kahlo (G4) e Museu de Cera de Gramado (G5).

Dentre os participantes da pesquisa, dois já conheciam o Museu do Sertão (G1, G2) e três não o conheciam (G3, G4, G5). A motivação mencionada para conhecer o espaço foi a aquisição de

conhecimentos (G1), conhecer a história e/ou construção da cidade (G3), o fato de estar de passagem pela cidade (G2, G4) e interesse diretamente em conhecer o Museu do Sertão (G5).

A visita ao Museu do Sertão

Observando os dados sobre as visitas dos grupos na exposição e no percurso delimitado, foi registrado um total de 114 minutos de visita, nos quais foram feitas um total de 205 aplicações de códigos para as categorias de interesse. O número de aplicações de códigos ou ocorrências, referem-se ao número de situações presentes em cada categoria.

Vale elucidar que em muitas situações os códigos de interesse tiveram sobreposição de ocorrências, de maneira que as análises se deram de forma flexível, buscando compreender o sentido dos enunciados emitidos. A tabela 2 apresenta o número total dos códigos aplicados nas categorias de interesse, dando uma melhor dimensão da distribuição das ocorrências.

Tabela 2: Ocorrência de códigos para as categorias de interesse.

Códigos	Número de ocorrência
Tipo de interação	-
Visitante-visitante	39
Visitante-mediador	32
Conversas	-
Conversas sobre temas de ciência	50
Conversas sobre a exposição e temática não científica	50
Conversas sobre associações com experiências anteriores e vivência pessoal	34

Fonte: Autoria própria, 2024.

Entre os tipos de interação analisadas, os diálogos visitante-visitante tiveram o maior número de ocorrências, 39 no total, predominando nos grupos onde não havia mediação acompanhando a visita (G1= 20, G2= 9 e G4= 5 ocorrências). Nos grupos onde havia mediação, os diálogos visitante-visitante ficaram restritos a 3 ocorrências em G3 e 2 ocorrências em G5.

As interações visitante-mediador tiveram 32 ocorrências totais, sendo em G3 um número de 14 ocorrências e em G5 um número de 15 ocorrências. Os grupos G2 e G4 embora desacompanhados de mediador ao longo do percurso, em alguns momentos da visita observaram mediadores acompanhando outros grupos e estabeleceram diálogos com os mesmos. As ocorrências visitante-mediador registradas para esses grupos foram de uma ocorrência em G2 e duas ocorrências em G4.

Observando detalhadamente o teor desses diálogos, foi evidenciado que as conversas sobre temas de ciência e as conversas sobre a exposição e temática não científica tiveram registros de ocorrência similares (50 ocorrências cada).

As conversas sobre ciência se concentraram nos módulos iniciais da exposição, onde se encontrava o acervo arqueológico, com destaque para as vitrines com fósseis e representações da fauna, como cobras, saruê e um exemplar de bezerro com malformação (xifópago), representados na figura 1.

Figura 1: Elementos dos módulos “Acervo Arqueológico” e “Fauna e flora”.



Fonte: Autoria própria, 2024.

Foram identificados diálogos sobre o tema de ciências nas interações visitante-visitante nos grupos G1, G2 e G3. O quadro 3 traz alguns exemplos de enunciados agrupados nesta categoria.

Quadro 3: Enunciados produzidos na interação visitante-visitante sobre o tema ciência.

G1 (Fauna e Flora): V2: Ó, os dois corpos e um cabeça. “Bezerro com duas”, ah não, são duas cabeças! Oxente! / V1: “Bezerros xifópagos” / V2: Tem dois corpos e uma cabeça/ V3: Nossa, uniu dois corpos num tronco só!
G1 (Acervo Arqueológico): V1: É de uma preguiça-gigante! Imagine o tamanho dessa preguiça pra ter um osso desse tamanho!
G2 (Fauna e Flora): V1: Olha a casca de tarta... “carapaça de tartaruga”! E eu dizia que era casca! Que tudo!
G2 (Acervo Arqueológico): V2: Já viu isso aqui? / V1: A.:h! / V2: Nasceu colado/ V1: É sério?/ É! Ali/ V1: “Bezerro com duas cabeças”, nossa, que massa! São gêmeos! / V2: Essas coisas você só encontra em Petrolina/ V1: Gente! mas...vê isso!
G3 (Acervo Arqueológico): V1: São fósseis, vamos ver aqui direitinho/ V2: Esse daqui não parece um camarão/ V1: Camarão, cadê? Aonde? / V2: Aqui/ V1: Parece sim, ó, aqui de cabeça pra baixo/ V2: É, aquele ali mesmo parece uma piaba. Foi esse que tu dissesse que parece uma/ V1: Uma piabinha? Não, eu achei parecido com um cavalo marinho, assim, a forma dele/ V2: Ah não, não achei não, oxe! e o rabo?/ V1: Aqui, ele tá estirado, menina! / V2: (risos)/ V1: (risos)

Fonte: Autoria própria, 2024.

Os enunciados se relacionam à identificação do bezerro xifópago, de fósseis da preguiça-gigante e resquícios de outros animais, como, por exemplo, identificação de partes dos animais, como o

“casco” ou os “ossos”. No diálogo produzido por G3, os visitantes tecem comparações entre os fósseis e outros animais conhecidos por eles. A pouca distribuição de textos explicativos ao longo da exposição e o tamanho reduzido dos textos presentes podem ter impactado nas assimilações sobre conteúdos científicos.

Estudos produzidos por Massarani e colaboradores (2022; 2023) em museus de diferentes tipologias evidenciam a ação dos visitantes de identificar, nomear e caracterizar objetos científicos e culturais. Para as autoras, esse tipo de ação compreende uma forma de explorar e conhecer o acervo e envolve observar as características estéticas do elemento e opinar sobre este. A partir disso, são desenvolvidos diálogos com trocas de experiências e conhecimentos entre os integrantes dos grupos, que exigem habilidade cognitiva, raciocínio científico e habilidade de articulação.

Ficou evidenciado que os diálogos sobre ciência foram mais desenvolvidos quando havia um mediador disponível para tirar dúvidas e contextualizar os elementos da exposição, como pode ser visto no quadro 4. Foram observadas interações visitante-mediador dialogando sobre temas científicos em G2, G3, G4 e principalmente em G5.

Quadro 4: Enunciados produzidos na interação visitante-mediador sobre o tema ciência.

G2 (Acervo Arqueológico): V2: Isso é o negócio de uma preguiça/ V1: É o que?/ V2: É o negócio de uma preguiça/ V1: O corpo?/ V2: Não sei...“úmero direito de uma preguiça-gigante”/V2: Não sei, uma preguiça-gigante, é uma preguiça-gigante/ V1: Ô, meni...vem cá!/ V2: Conta aqui pra gente/ M: Da preguiça né? Essa preguiça é um animal pré-histórico, mais ou menos 200 mil anos, pertencia à megafauna. Aqui é um úmero, é a região do ombro até o cotovelo. Ela podia ter 6 metros de altura/ V1: Tô passada! Nunca vi!/ M: Não tinha só a preguiça- gigante, mas tinha espécie de tatu-gigante/ V2: É?/ M: Isso/ V2: Passado!
G3 (Fauna e Flora): V1: Essa coral falsa é venenosa também?/ M: A coral falsa, ela não tem peçonha, ela é muito parecida com a coral verdadeira, mas tem características que diferenciam ela, a coral verdadeira, ela...é... a pigmentação dela não é tão forte comparado à falsa coral e, também, a... o tamanho dela, é menor/ V1: Ela é mais estreitinha, né? pelo que aparenta/ M: Mas, não é a melhor forma se identificar uma da outra, na verdade, a mandíbula dela, que é interna/ V1: Sei/ M: Então é melhor não arriscar, é... pra saber se é uma coral falsa ou verdadeira, porque a melhor forma mesmo é a parte da mandíbula do animal/ V1: Show!
G4 (Acervo Arqueológico): V1: Que osso da desgraça é esse!?!/ V2: Da preguiça-gigante/ V1: É um fêmur, “úmero direito”, úmero é esse aqui né? (aponta pra coxa)/ V1: É, o maior osso do...não, o maior osso é o fêmur!/ M: É do ombro ao cotovelo/ V1: Ah, do ombro ao cotovelo!/ M: Úmero direito da preguiça [gigante].
G5 (Fauna e Flora): V1: Isso aqui é? (apontou)/ M: Essa aqui é a abelha pequenininha, o enxu pequenininho que você encontra na cidade, e essa é a colmeia de abelha que você encontra mais no interior, dentro de roça encontra, desse tamanho/ V1: Mas qual é a espécie de abelha, essa daí?/ M: Essa daqui é a saramandaia/ V1: aham... e mel você conhece?/ M: O mel tem de vários tipos/ V1: Não, o dessa abelha aqui!/ M: Não, conheço não/ V1: Ah.
G5 (Acervo Arqueológico): M: aqui a gente tem essa primeira vitrine aqui, que são os minerais e rochas, e peças fossilizadas da região do Araripe/ V1: Certo/ M: É o museu arqueológico mais importante do Brasil, senão do mundo, a gente tem lá como recontar a história do planeta através desse tipo de

material, e aqui recontar a história da fauna que a gente teve no mundo/ V1: Certo/ M: Grande parte dessas espécies aqui foram extintas, a gente só tem variação, variedade desses daqui/ V1: Sim, sim, uhum/ M: Ai lá, é costumeiro ainda hoje [inaudível]/ V1: Mas foram colhidos aqui da região?/ M: Da região do Araripe, ali divisa de Pernambuco com Piauí, São Raimundo Nonato, especificamente falando/ V1: Sim, sim sim sim!/ M: E é o Museu do Homem, Museu do Planeta lá/ V1: Certo, certo/ M: Lá ainda se encontra-se pedras que você quebra no meio e tá lá ainda o material fossilizado/ V1: certo.

Fonte: Autoria própria, 2024.

Entendendo que nem sempre os recursos expositivos falam por si, principalmente para indivíduos que não se identificam com os elementos específicos do contexto local, é importante a ação de mediadores que dominem os assuntos e versem sobre os conhecimentos e as particularidades relacionadas ao patrimônio. Nos diálogos produzidos em G2, por exemplo, os visitantes V1 e V2 leram a legenda disponibilizada ao lado do fóssil de preguiça gigante, mas pareceram não ter compreendido bem do que se tratava. Os visitantes chamaram o mediador que prontamente complementou a informação disponibilizada, explicando sobre o período geológico a qual pertenceu o animal, a localização anatômica do fóssil preservado no corpo do animal e cita como exemplo, outro animal que coexistiu com esse no mesmo período.

Situação parecida ocorreu em G4, no qual os visitantes se confundiram com a localização anatômica do osso representado pelo fóssil e o mediador fez a indicação de forma correta. Em outro exemplo produzido em G5, o mediador trata das características dos minerais, rochas e animais fossilizados presentes na região, articulando as explicações com indicações de outros museus da região, nos quais os visitantes poderiam complementar seus conhecimentos.

Outros exemplos dizem respeito a animais da fauna recente local. Em G3 o mediador ajuda os visitantes a desmistificar a informação errônea, de que as cobras peçonhentas ou não peçonhentas podem ser diferenciadas apenas por características físicas externas, o que tem potencial de causar acidentes ofídicos. Já em G5, respondendo à curiosidade dos visitantes sobre as abelhas locais, o mediador explica para os visitantes as características desses animais da fauna local.

Observando os exemplos apresentados, podemos inferir que nas experiências registradas por essa pesquisa, o domínio de conhecimento dos mediadores e habilidade de articulação parecem ter suprido as necessidades nos grupos onde atuaram, tanto para as conversas de cunho científico, quanto para demais temas apresentados ao longo deste artigo. As formas de atuação dos mediadores dialogam com as indicadas por Barros e Vicente (2021), na qual os discursos devem partir de referências do território e da realidade dos sujeitos, possibilitando a compreensão, articulação e reflexão sobre outras realidades.

Na categoria Conversas sobre a exposição e temática não científica, foram agrupados 50 enunciados, de todos os grupos de visitação, que abordaram temas não exatamente científicos, mas pertinentes a assuntos abordados no conteúdo expositivo. Os módulos onde foram observados diálogos dessa natureza foram principalmente a Casa sertaneja, Cultura e artesanato e Homem sertanejo. Os diálogos entre visitante-visitante e visitante-mediador tratavam do funcionamento e formas de uso de objetos antigos, além do reconhecimento de personalidades da cultura sertaneja, como Lampião, Luiz Gonzaga e Mestre Vitalino (figura 2).

Figura 2: Objetos da exposição ligados às personalidades da cultura sertaneja (de esquerda para a direita): Lampião, Luiz Gonzaga e Mestre Vitalino.



Fonte: Autoria própria, 2024.

O museu apresenta uma narrativa que exhibe, em alguns setores, uma memória cultural caricatural do Sertão e um discurso da estereotipia elencado por Albuquerque Júnior (2011). No entanto, é inegável a eficiência desse discurso para fins de evocar aspectos da identidade social nos visitantes, assim como apresentado em Maia (2017), Maranhão e Maranhão (2021) e Santana e colaboradores (2023). O quadro 5 traz alguns exemplos de enunciados agrupados nesta categoria, que evidenciam que os diálogos promovidos apresentam articulação de elementos do contexto e da cultura local, refletindo elementos das identidades sociais de cunho regional.

Quadro 5: Enunciados agrupados na categoria Conversas sobre a exposição e temática não científica.

G1 (Casa Sertaneja): V2: Essa casa é uma réplica da casa de Lampião. Essa daqui (aponta)/ V2: Vê se ta boa (mostra foto no celular pra V2)/ A gente vai entrar agora nela! (falando sobre a casa para V3).

G2 (Cultura e Artesanato): V2: Esse daqui é interessante, ó, “[Tivit] o tecido artesanal de palha trançada [inaudível]/ V1: Hã?/ V2: Deve ser esses daí (aponta), pra fazer palha trançada/ V1: E é?/ V2: Olha esse daqui, ó/ V1: No caso, usava só a palha aqui dentro, né?/ V2: [inaudível]/ V1: E usava as mãos... olha isso aqui, hein! Passava o que?/ V2: “repouso da massa de mandioca”/ V1: Eita! e esse negócio aqui é...meu deus que massa! ai, achei tudo!

G2 (Homem sertanejo): V1: Ah, isso é o vaqueiro! Petrolinense! Foi usada por ele, né?/

G3 (Homem sertanejo): M: Aqui as ancoretas pra armazenar água, também podem ser armazenadas bebidas, mas principalmente água, que era uma jornada em busca d'água, é... durava mais ou menos duas horas, era responsabilidade da mãe da família, ela com os filhos mais jovens, porque os mais velhos já estavam ajudando o pai na agricultura, então iam pra um sítio próximo que tivesse um açude ou uma cisterna pra procurar água.

G4 (Cultura e Artesanato): V1: Amigo, você é funcionário?/ M: Sou guia/ V1: Você é guia? É... aquelas peças ali são de... foram usadas por Gonzagão mesmo?/ M: Era/ V1: Eu reconheci aquela, aquela era, a primeira sanfona dele, é isso mesmo?/ M: É/ V1: É isso ou eu tô enganado?/ M: É sim, pertencia a ele/ V1: Sei, mas parece que foi a primeira mesmo, não foi?/ M: Foi.

G5 (Casa Sertaneja): V2: As paredes não iam até em cima, né?/ V1: É... acho que é pra ventilar, né?/ M: Era pra ventilação, justamente, aqui principalmente [inaudível]/ V1: Mas ainda é usual? não é mais usual, né?/ M: Não, aqui você não encontra mais casas como essa, você só vai encontrar mais no interior, mesmo/ V1: Certo.

G5 (Homem sertanejo): M: Aqui a gente tem um pouco da história de um casal, um vaqueiro da nossa região, que era Laninho vaqueiro e dona Virgínia/ V1: Certo/ M: Eles são conhecidos como Romeu e Julieta do Sertão, eles foram casados durante 67 anos/ V1: Nossa!/ M: E morreram no mesmo dia/ V1: Oxe!/ M: Ela morreu pela manhã, de um AVC e ele ao saber da notícia, 3 horas depois também morreu, aí é conhecido por ter morrido de amor, e assim Romeu e Julieta do sertão/ V1: Tem quanto tempo que eles morreram, você sabe?/ M: Dois mil e sete/ V1: Hã?/ M: Dois mil e sete/ V1: Ah, então você já os via, quando você era pequeno/ M: Já, era uma família bastante conhecida aqui na cidade/ V1: Aham/ M: A família deles.

G5 (Homem sertanejo): V1: O cara (Lampião) é jagunço e tem uma caligrafia trabalhada dessa, é!

G5: V1: Lá tem muito isso, lá em [(Alto)] do Moura, boneco de cerâmica, Mestre Vitalino! quem tem cultura, tem cultura! Chega a me arrepiar! isso aí eu conheço! V2: botou até a colherzinha na boca, ó!/ V1: A gente...é coisa...que quando faz uma coisa dessa, que você já conhece.../ V2: [inaudível]/ V1: Que a gente conhece, que a gente vive, né?/ V2: Olha que lindo!

Fonte: Autoria própria, 2024.

Conforme descreve Rodrigues Silva (2021), no processo de instituição da memória cultural são selecionados ícones considerados importantes nas comunidades para serem representados nos museus, em um processo de enquadramento de memória. No presente estudo, as personalidades da cultura sertaneja apresentadas pelo Museu do Sertão e que suscitaram diálogo nos grupos de visitantes foram Lampião, Luiz Gonzaga e Mestre Vitalino. Nos diálogos produzidos em G1, o visitante V2 avista a réplica da Casa Sertaneja e menciona que pertence a Lampião, importante ícone da cultura sertaneja. Lampião também é mencionado em G5 que evidencia uma suposta contradição de Lampião ser um “jagunço” (cangaceiro, criminoso foragido) e apresentar uma “caligrafia trabalhada”.

Outras personalidades citadas foram Luiz Gonzaga e Mestre Vitalino. Em G4, o visitante pergunta ao mediador se a sanfona apresentada foi a primeira utilizada pelo cantor e compositor e diz reconhecer o objeto. Já em G5 o visitante reconhece o trabalho produzido por Mestre Vitalino, os bonecos de cerâmica. O visitante menciona que esses elementos são expressivos da cultura sertaneja.

Rodrigues Silva (2021) explica que essas personalidades selecionadas têm em comum o fato de terem uma biografia que envolve uma origem humilde, uma história de vida que envolve adversidades e que se consagraram na memória regional e nacional por diferentes feitos, seja pela música, como Luiz Gonzaga, artesanato como mestre Vitalino ou envolvimento em lutas sociais, como Lampião, embora haja ambiguidades na interpretação de sua história.

As adversidades colocadas pelo meio geográfico também são destacadas no Museu do Sertão por meio de seus objetos. Em diálogo produzido em G2, o mediador explica sobre a árdua jornada em busca de água, na qual as mulheres eram responsáveis e se deslocavam por longos períodos no território em busca do recurso, junto a seus filhos mais jovens. Armazenavam a água em ancoretas e retornavam a casa, garantindo a sobrevivência de todos.

Em outro exemplo produzido em G5, o visitante e o mediador conversam sobre o fato de as paredes das casas sertanejas não serem inteiriças até o teto, pelo fato de o clima ser muito quente e essa ser uma alternativa para tornar as casas mais ventiladas. Embora essa não seja mais a realidade de muitas famílias que habitam o território no contexto atual, foi uma realidade amplamente vivenciada em um passado recente e esse aspecto da história, que retrata as lutas e dificuldades das famílias sertanejas são narrativas valorizadas tanto na perspectiva do museu quanto de seus visitantes. Essa narrativa cristalizada de um Nordeste sofrido e extenuante, que fomenta a saída de retirantes, é uma narrativa perpetuada em outros museus do contexto, conforme demonstrado em Silva et al. (2019) e Maia (2017).

Lopes (2020) explica que essas memórias selecionadas servem de espelho para a formação de uma identidade cultural, que promove um sentimento de pertencimento e que emana valores coletivos. No caso do sertão, as narrativas envolvem a adversidade do meio geográfico, tramas civilizatórias que destacam homens e mulheres desbravadores, heróis e mártires da civilização no sertão, que por seu caráter simbólico e significado para o coletivo se mantêm unidos por meio de uma identidade cultural.

O autor destaca que “testemunhos literários e memorialísticos são fartos de romantizações de personagens históricos que encarnam em si valores como coragem, altruísmo, abnegação, força e trabalho” que servem de referência cultural para uma população que se identifica com essas adversidades e compartilha os mesmos valores (Lopes, 2020, p. 101).

Na categoria Conversas sobre associações com experiências anteriores e vivência pessoal, os diálogos se desenvolveram a partir de objetos expositivos antigos que desencadearam conversas sobre memórias da vivência pessoal dos visitantes. Foram observadas 34 ocorrências que mostraram

que o museu, por meio de seu acervo e narrativa, foi capaz de estabelecer conexão com os visitantes, fomentando a emissão de diversos enunciados sobre suas vivências, a vida cotidiana e conhecimentos prévios. O quadro 6 traz alguns exemplos de enunciados agrupados nesta categoria.

Quadro 6: Enunciados agrupados na categoria Conversas em que se faz associação com experiências anteriores e vivência pessoal.

G1 (Casa Sertaneja): G1*: V2: Olha o fogão!/ V1: Fogão de barro/ V3: Ah, meu Deus, eu lembro de quando eu era criança.
G1 (Casa Sertaneja): V1: Ó a água pra...pegar água no...no purrão/ V3: É.../ V2: Isso aqui era o que mãe?!/ V1: Pra pegar água no purrão!/ V3: É/ V2: Pra pegar água assim?!/ V1: É!/ V2: Ah! é mole!!/ V1: Lá em casa tinha. Essas coisas assim eu conheço!/ V3: Na casa de pai também tinha, nesse tempo não existia filtro não, menino! Era no purrão mesmo!/ V1: Hm/ V3: Talha!/ V1: Era...talha, purrão/ V3: A talha era a que tinha uns coiso assim né? (e gesticula)/ V1: É.
G2 (Casa Sertaneja): V1: Ei, na casa da minha vô tinha, viu... desses pratos.
G3 (Acervo Arqueológico): V1: Lembrei do filme de, 'Viajo porque preciso, volto porque te amo', que ele é geólogo, que ele vai fazer um.../ V2: Uhum/ V1: Um estudo do solo do sertão, pra fazer a transposição do rio.
G4 (Economia Sertaneja): V2: "Bucha vegetal"/ V1: Isso daí é que faz...pra fazer ... coisa de esponja de prato, ao invés de usar bucha de prato, usa isso aí/ V2: É, isso mesmo, e pra esfoliar a pele é ótimo, eu tenho pra esfoliar a pele.
G4 (Cultura e Artesanato): V1: Lá tem muito isso, lá em [(Alto)] do Moura, boneco de cerâmica, Mestre Vitalino! quem tem cultura, tem cultura! Chega a me arrepiar! isso aí eu conheço! V2: botou até a colherzinha na boca, ó!/ V1: A gente...é coisa...que quando faz uma coisa dessa, que você já conhece.../ V2: [inaudível]/ V1: Que a gente conhece, que a gente vive, né?!/ V2: Olha que lindo!

Fonte: Autoria própria, 2024.

Em alguns casos, como em G1, G2 e G4, os enunciados de reconhecimento da cultura sertaneja vem acompanhados de expressões de natureza afetiva. As conversas que se deram em G1 destacaram o fogão de barro e o purrão, espécie de jarro para armazenar água e mantê-la fresca, segundo o visitante lembranças da infância. Em G2 se destacaram os pratos presentes na casa da avó. Em G4 os bonecos de cerâmica de mestre Vitalino representam algo pessoal para os visitantes, algo que conhecem e vivem, em suas próprias palavras. Esse tipo de identificação e conexão dos visitantes ocorreu principalmente no Módulo Casa Sertaneja, representado na figura 3, mas também se deu em outros espaços da exposição, como no Módulo Cultura e Artesanato.

Figura 3: Módulo Casa Sertaneja.

Fonte: Autoria própria, 2024.

Podemos observar que nos casos apresentados, o teor das leituras e interpretações dos visitantes assume um caráter afetivo, muitas vezes ligado a alguma lembrança sobre a infância, situação vivida na casa dos pais e/ou de avós, conforme demonstrado nos enunciados, como observado no estudo conduzido por Santana e colaboradores (2023) na exposição virtual do referido museu e em Costa e Brigola (2014), em estudo com visitantes do Museu do Homem do Nordeste, ambos despertando um sentimento de pertencimento nos visitantes. Os dados sugerem que para os sujeitos participantes os elementos do acervo foram capazes de reforçar aspectos da identidade social e pessoal, conforme explicita Nath e Sha, (2018).

Tolentino (2014, p. 49) ressalta a importância de os discursos museológicos expressarem a “pluralidade dos “eus” e das identidades” por meio da narrativa expositiva. Segundo o autor, “o museu não coleta coisas, mas a poesia que está nas coisas. E não guarda objetos. Dá vida ao sentido (poesia) que está nos objetos”. As memórias individuais constituem parte da identidade dos sujeitos, mas são consolidadas no interior de relações sociais e são permeadas por memórias coletivas e sociais (Lopes, 2020).

Para Hermann (2010, p. 214), embora possa haver muitas vezes uma concepção romântica relacionada aos elementos regionais, o que pode levar a uma valorização artificializada dos elementos, por outro lado, esses mesmos elementos assumem um valor positivo para os indivíduos diretamente relacionados a esses regionalismos, reforçando o sentimento idealizado de lugar. O autor argumenta que “uma cultura não deixa de ser mais ou menos genuína quando é posta em evidência”.

Impressões finais sobre o Museu do Sertão

Ao chegarem ao final do percurso delimitado, os visitantes foram perguntados quais elementos da exposição mais chamaram sua atenção. Os visitantes citaram: o passado histórico e o Sertão de Lampião (G1); a Casa Sertaneja e utensílios, itens do mágico (personalidade local) e atividade de agricultura (G2); a parte de Lampião e de Ana das Carrancas (G3); Qualidade e conservação, história do Nordeste (G4); Imagens de Petrolina antiga (G5);

Podemos perceber que a história da cidade, de uma forma geral, e as personalidades locais foram os elementos mais citados, o que corrobora com as nossas análises do percurso de visitação. Lampião, Luiz Gonzaga e Ana das Carrancas representam personalidades emblemáticas para o contexto sertanejo e os visitantes os identificam como elementos da memória cultural. Por outro lado, a casa Sertaneja, por meio de seus diferentes objetos, mobilizou a afetividade, estabelecendo conexões com as identidades pessoais dos visitantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve por objetivo analisar a experiência de grupos de visitante adultos no Museu do Sertão de Petrolina, identificando as conversas e os tipos de interação e aspectos da articulação entre elementos da cultura popular, patrimônio e identidades.

A narrativa desenvolvida no Museu do Sertão aborda diferentes temáticas que permeiam a história do sertanejo, que se desenvolvem a partir de uma cronologia histórica e que dialogam de maneira fluida e harmônica ao longo da exposição. Observamos que a diversidade de temáticas tratadas na exposição foi refletida na diversidade de temas de conversas dos visitantes.

As conversas sobre ciência, quando se deram na interação visitante-visitante, expressaram ações de identificação e caracterização de objetos científicos e culturais. No entanto, quando ocorreram na interação visitante-mediador, esses diálogos foram melhor desenvolvidos e elaborados.

As ações de mediação se mostraram de grande importância para o contexto do Museu do Sertão, pois, embora a narrativa expositiva muitas vezes expresse um enquadramento de memória estereotipado da cultura sertaneja, esses profissionais puderam promover diálogos entre o contexto local, as culturas e as diversas possibilidades de identidades dos visitantes.

Os visitantes demonstraram estabelecimento de conexão com o acervo, emitindo enunciados sobre suas vivências, a vida cotidiana e conhecimentos prévios. Isso ocorreu tanto no reconhecimento de personalidades e elementos da cultura sertaneja, quanto ao nível mais aprofundado,

no reconhecimento de si por meio dos objetos do acervo. Nesses casos, foram emitidos enunciados que expressam afetividade e acesso a identidades pessoais.

Dessa forma, embora a exposição apresente em alguns setores uma concepção romantizada dos elementos regionais, ficou claro que essa abordagem foi eficiente para estabelecer vínculos com os grupos de visitantes participantes, despertando diálogos, afetividades e conexão com as identidades sociais e pessoais.

Tendo em vista a importância do museu aqui abordado, seu impacto social e especificamente para a identidade dos visitantes, vale ressaltar as dificuldades de permanência da instituição que conta com verbas municipais insuficientes para sua manutenção, um retrato do descaso das políticas públicas brasileiras quanto a manutenção dos bens patrimoniais e culturais. O estudo de público aqui apresentado evidencia o valor material e imaterial do museu, seus potenciais e possibilidades. Cabe ao poder público valorizá-lo e preservá-lo, permitindo sua permanência e continuidade dos serviços desenvolvidos.

AGRADECIMENTOS

Este estudo foi realizado no escopo do Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia, com apoio financeiro das agências de fomento Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, 465658/2014-8) e Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ, E-26/200.89972018). O estudo também se insere no projeto apoiado pelo Edital Universal 2018 do CNPq (405249/2018-7). A autora Luisa Massarani agradece a Bolsa de Produtividade 1B do CNPq e a Faperj pela bolsa Cientista do Nosso Estado. As autoras agradecem à gerente do Museu Luana Granja, ao mediador Luiz Pedro Roriz e toda a equipe do Museu do Sertão de Petrolina pelo apoio. Agradecemos também aos visitantes do Museu do Sertão que gentilmente aceitaram participar desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALLARD, Michael; BOUCHER, Suzanne. **Éduquer au musée. Un modèle théorique de pédagogie muséale**. Éditions Hurtubise HMH Ltée, 1998.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Sertão: um museu a céu aberto. In: COSTA, C. B.; CAVALCANTE RIBEIRO, M. do E. S. R. **Fronteiras móveis: territorialidades, migrações**. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2016. p. 231-252.

ARAÚJO SÁ, Antônio Fernando de. Lugares de memória ferroviária nos sertões nordestinos. *In: Simpósio Nacional de História*, 31, 2021, Rio de Janeiro. **Anais [...]** Rio de Janeiro: 2021. p. 1-14. Disponível em: https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1617717887_ARQUIVO_2308864c6ceb6dd86bcd37084b83cb2d.pdf. Acesso em 27 abr. 2024.

BANDYOPADHYAY, Ranjan; RAY, Avishek; MILDE, Matthew. A Phenomenological Analysis of Tourist Identity: Three Theses and Propositions. **Leisure Sciences**, v. 6, n. 2, p. 1-18, 2022. DOI: 10.1080/01490400.2022.2138649. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/01490400.2022.2138649>. Acesso em 22 jun. 2024.

BATISTA, Maria Carollyne Matos; VASCONCELOS, Fábio Perdigão. Poço da Draga, Fortaleza-CE: a produção do espaço pelo turismo e a geração de conflitos. **Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)**, v. 21, n. 2, p. 1165-1178, 2019. DOI: 10.35701/rcgs.v21n2.576. Disponível em: <https://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/576/0>. Acesso em: 15 jul. 2024.

BARROS, Andressa Fontes de; VICENTE, Melissa Mendes Caputo. Educação patrimonial como estratégia para uma formação plural. **Leopoldianum**, v. 47, n. 132, p. 18-18, 2021. DOI: 10.58422/releo2021.e1171. Disponível em: <http://www.geenf.fe.usp.br/v2/>. Acesso em: 18 abr. 2024.

BRASIL. Decreto n.º 3.551, de 4 de agosto de 2000. **Institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o programa nacional do patrimônio imaterial e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 4 ago. 2000. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=3551&ano=2000&ato=c86UTRE1kMNPWT739>. Acesso em: 27 abr. 2024.

BRAYNER Vânia. Uma gota de sangue no Museu do Homem do Nordeste. *In: BARRIO, A. E.; MOTTA, A.; GOMES, M. H. (Org.). Inovação Cultural, Patrimônio e Educação*. Recife: Editora Massangana, 2010. p. 313-327.

BRITTO, Clovis Carvalho. A 'civilização material' nos museus regionais do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: confluências entre a criação do Museu do Diamante e a imaginação museal de Juscelino Kubitschek. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 17, p. e20210085, 2022. DOI: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2021-0085. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/YQBWhDL7pDc3Spr7Zhv9qhw/>. Acesso em: 26 abr. 2024.

CHAGAS, Mário. Museus e patrimônios: por uma poética e uma política decolonial. **Revista do patrimônio histórico e artístico nacional**, v. 35, p. 121-137, 2017. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/revpat_35.pdf. Acesso em 23 abr. 2024.

COSTA, Ana Paula Rodrigues da. Lugar e memória: a vida cangaceira do bando dos Marcelinos em Barbalha - CE. **Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)**, v. 22, n. 1, p. 52-67, 2020. DOI: 10.35701/rcgs.v22n1.413. Disponível em: <https://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/413>. Acesso em: 15 jul. 2024.

COSTA, Lygia Martins. **De Museologia, Arte e Políticas de Patrimônio**. Rio de Janeiro IPHAN, RJ, 2002.

COSTA, Luciana; BRIGOLA, João. Hábito cultural de visitar museus: estudo de público sobre o Museu do Homem do Nordeste, Brasil. **Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR**, Penedo, v. 4, Número Especial, p. 124-141, 2014. Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/14006>. Acesso em 15 jul. 2024.

DE OLIVEIRA, Paulo Wendell Alves; DA COSTA, Ana Paula Rodrigues. Espaço e memória na representação histórico-cultural materializada nas paisagens do núcleo de formação histórica da cidade de Juazeiro do Norte-CE. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, v. 16, n. 2, p. 1, 2014. Disponível em: <https://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/download/160/203/0>. Acesso em 15 jul. 2024.

FALK, John H. Contextualizing Falk's identity-related visitor motivation model. **Visitor studies**, v. 14, n. 2, p. 141-157, 2011. DOI: 10.1080/10645578.2011.608002. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10645578.2011.608002>. Acesso em 22 jun. 2024.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

HERMANN, Carla. A cultura popular vai ao museu: a tropicália de Hélio Oiticica. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p. 213-224, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Carla_Hermann2/publication/276306313_A_CULTURA_POPULAR_VAI_AO_MUSEU_A_TROPICALIA_DE_HELIO_OITICICA/links/6064b84f92851c91b1944ddf/A-CULTURA-POPULAR-VAI-AO-MUSEU-A-TROPICALIA-DE-HELIO-OITICICA.pdf. Acesso em: 10 abr. 2024

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Petrolina. 2024. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/petrolina/panorama>. Acesso em: 20 mar. 2024.

IBRAM. **Instituto Brasileiro de Museus. Museu do Sertão** – Petrolina. 26 mar. 2024. Disponível em: <https://cadastro.museus.gov.br/museus/museu-do-sertao-petrolina/>. Acesso em 01 abr. 2024.

IMBROISI, Margaret. **Museu do Sertão**. História das Artes. 30 jul. 2016. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/museu-do-sertao/>. Acesso em 22 mar. 2024

LOPES, Daniel Barreto. Sertão Monumental: considerações sobre a atribuição de valor de testemunho histórico. **História e Cultura**, v. 9, n. 1, p. 99-117, 2020. DOI: 10.18223/hiscult.v9i1.3081. Disponível em: <https://periodicos.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/3081>. Acesso em: 20 abr. 2024.

MAIA, Maria Rosa de Brito. **Construção identitária na expografia do museu: ambiente da exposição e receptividade do público no Museu Cais do Sertão**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Aperfeiçoamento em Gestão Cultural) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, da Universidade Federal da Bahia. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/22563>. Acesso em 12 jul. 2024.

MARANHÃO, Romero de Albuquerque; MARANHÃO, Raphael dos Ramos. Negócio em turismo cultural no semiárido: uma análise a partir da percepção dos visitantes do Museu Gonzagão. **Brazilian Journal of Business**, v. 3, n. 5, p. 3618–3626, 2021. DOI: 10.34140/bjbv3n5-007. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJB/article/view/37801>. Acesso em 15 jul. 2024.

MASSARANI, Luisa et al. A experiência de adolescentes ao visitar um museu de ciência: um estudo no Museu da Vida. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências** (Belo Horizonte), v.21. 2019a <https://doi.org/10.1590/1983-21172019210115>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epec/a/tC7gVGGQ5V8LvBjwzYgZj3P/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 10 mar. 2024.

MASSARANI, Luisa et al. La interactividad en los museos de ciencias, pivote entre expectativas y hechos empíricos: el caso del Centro Interactivo de Ciencia y Tecnología Abremate (Argentina). **Ciência & Educação (Bauru)**, v.25, n.2, p.467-484. 2019b. <https://doi.org/10.1590/1516-731320190020012>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/NNdxqPNs9j45PSZYJRJYnGp/?lang=es&format=html>. Acesso em: 10 mar. 2024.

MASSARANI, Luisa et al. Adolescents learning with exhibits and explainers: the case of Maloka, **International Journal of Science Education**, Part B, v.9, n.3, p.253-267, 2019c. <https://doi.org/10.1080/21548455.2019.1646439>. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/21548455.2019.1646439?casa_token=CvrfOxID4wIAAAAA:AWiCC1K-Ococydny4D3im_d-50izFG_bM2kNbUwzcJ30LbOQdO194J43qYwyDI9bSf_taClq3Mg_YIWEq. Acesso em: 10 mar. 2024.

MASSARANI, Luisa et al. Olhando para os objetos no Museu Histórico Nacional: uma análise das conversas e interações de famílias. **ACTIO: Docência em Ciências**, v. 8, n. 3, p. 1-25, 2023. DOI: 10.3895/actio.v8n3.16412. Disponível em: <https://revistas.utfpr.edu.br/actio/article/view/16412>. Acesso em: 22 abr. 2024.

MASSARANI, Luisa et al. Experiências de aprendizagem em visita familiar à exposição “Quando nem tudo era gelo” do Museu Nacional. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)**, v. 24, p. e35674, 2022. DOI: 10.1590/1983-21172021240106. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epec/a/Fb9fF9SRVXm6g3QxrXvLcng/>. Acesso em 22 abr. 2024

MUSEU DO SERTÃO, **Tour Virtual**. Disponível em: <https://www.valetourvirtual.com/museudosertao/>. Acesso em 01 abr. 2024

NATH, Atanu; SAHA, Parmita. A theoretical positioning of self and social identities as antecedents in cultural-experiential tourism. **Academica Turistica-Tourism and Innovation Journal**, v. 10, n. 2, 2017. DOI: 10.26493/2335-4194.10.115-128. Disponível em: <https://academica.turistica.si/index.php/AT-TIJ/article/view/94>. Acesso em: 20 jun. 2024.

OLIVEIRA, Vânia Dolores Estevam de. A patrimonialização da memória da cultura popular brasileira no Museu de Folclore Edison Carneiro. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 1, n. 1, p. 135-164, 2012. DOI: 10.26512/museologia.v1i1.12348. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/12348>. Acesso em 20 abr. 2024.

PONTES, Neila Denise Macedo Teles de. **Um "mix de mixórdias": ensaio antropológico sobre o discurso expositivo do Museu do Homem do Nordeste**. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/19114>. Acesso em 30 abr. 2024.

SANTANA, Erine Estevam; COSTA, Elissandra Brito; DE ALMEIDA, Luana Canário; CASTRO, Roberta Rodrigues Teixeira de. Nas trilhas digitais: um passeio virtual pelo museu do sertão em Petrolina-PE. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 12, n. 23, p. 318-331, 2023. DOI: 10.26512/museologia.v12i23.45292. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/45292>. Acesso em 15 jul. 2024.

RODRIGUES SILVA, Francielle Correia. Museu e política social: o enquadramento da memória e a representação cultural em instituições museológicas regionais. In: Schiavon et al. (Org.). **Patrimônios em perspectivas: histórias, memórias e identidades**. Porto Alegre: Casalettras, 2021.

SILVA, Bárbara Gondim Bezerra. **A estratégia expográfica do Cais do Sertão e a identidade "Nordestina"**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) - do Departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/41263>. Acesso em 12 jul. 2024.

TOLENTINO, Átila. Entre políticos e mestres de cultura popular: discurso, poder e ideologia nos museus. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 47, n. 3, 2014. DOI: 10.36572/csm.2014.vol.47.03. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/4531>. Acesso em: 20 mar. 2024.

TYLOR, Edward Burnett. **Primitive culture: researches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom**. London: J. Murray, 1871.